
A Lesbofobia nas Capas do Pasquim: A Ironia nos Discursos Misóginos e Homofóbicos¹

Mariana Guiciard Romano²

Teresa Cristina da Costa Neves³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este trabalho é o segundo derivado de uma pesquisa que tem como objetivo compreender de que maneira eram representadas as mulheres lésbicas no jornal de esquerda *O Pasquim*. Do acervo disponível online foram selecionadas duas capas, das edições 314 e 554, para investigação, sob o método da análise de conteúdo e das perspectivas dos estudos de gênero e sexualidade, bem como das noções de ironia de Linda Hutcheon. Após análise do corpus, chegou-se à confirmação da hipótese de que o jornal, por meio da ironia, ridicularizava as mulheres lésbicas e suas vivências. Baseando-se no conceito da política transideológica da ironia, compreende-se que esta funcionava de maneira diferente daquela utilizada contra o governo do período, perdendo o tom de crítica contra injustiças e fixando-se em seu poder de humilhar. Além disso, conclui-se que o jornal atacava tudo que ameaçava a hegemonia masculina.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbofobia; Ironia; Imprensa Alternativa; *O Pasquim*; Ditadura Militar

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que os LGBTIQ+, como uma minoria social, eram, e ainda são, alvo de ataques, principalmente de grupos políticos alinhados à direita. Em um período de acentuadas lutas políticas, como foi a ditadura militar brasileira após o golpe de 1964, esses eram ainda mais atacados, inclusive por grupos de esquerda. Apesar de possuir posicionamentos políticos compreendidos como progressistas, grande parte da esquerda latino-americana demorou a aceitar a homossexualidade, vista por ela como um produto comportamental da burguesia, que desapareceria com o socialismo. (GREEN, 2003, p. 17-18).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 6º semestre do curso de Jornalismo da UFJF. Bolsista do PET Facom. E-mail: guiciardmariana@gmail.com

³ Professora Orientadora. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. E-mail: teneves@terra.com.br

O presente artigo busca compreender o discurso utilizado pelo jornal *O Pasquim* em relação a mulheres lésbicas. Num trabalho anterior constatamos, por meio da análise de tirinhas, anedotas e cartoons, que o jornal recorria à ironia para zombar das mulheres lésbicas. Chegamos, também, à conclusão de que a política transideológica da ironia ficava muito presente no material veiculado, uma vez que os jornalistas utilizavam da mesma estratégia - a ironia - para se posicionar contra a ditadura militar e, ao mesmo tempo, para zombar de grupos minoritários que já eram alvos de ataques no período. Nosso objeto de estudo, desta vez, também é o *Pasquim*. Porém, agora, analisamos duas capas do jornal, das edições 314 e 554, nos debruçando também sobre os conteúdos textuais e imagéticos presentes nas edições e vinculados a essas.

Compreendemos que a capa é o primeiro contato do leitor com o jornal. Entretanto, não é possível afirmar que esse primeiro contato irá continuar até a leitura dos demais textos. Acreditamos, por essa razão, que, se em seus cartoons, tirinhas e anedotas, o jornal falava principalmente para seu público, a capa atinge uma gama variada de pessoas. Entre elas, há aquelas que captam o sentido intencionado pelo ironista, outras não compreendem este sentido e outras, ainda, são seu alvo. Sendo assim, o alvo da ironia torna-se ainda mais presente no jogo entre o ironista e seus interpretadores.

Com isso em mente, buscaremos testar a hipótese de que o jornal, por meio da ironia, ridicularizava as mulheres lésbicas e suas vivências. Essa ironia, porém, funcionava de maneira diferente daquela utilizada contra o governo do período, perdendo o tom de crítica contra injustiças e fixando-se em seu poder de zombar e humilhar. Além disso, após um aprofundamento teórico, acrescentamos, como hipótese secundária, a ideia de que a ironia utilizada pelos jornalistas tinha três funções principais: de oposição, assaltante e agregadora. Essas tipologias fazem parte de uma classificação feita por Linda Hutcheon (2000) em sua obra *Teoria e Política da Ironia*. A autora aponta que na ironia de oposição a natureza transideológica começa a se mostrar mais clara: “...o que alguns aprovam como polêmico e transgressivo pode simplesmente ser insultante para outros; o que alguns acham subversivo pode ser ofensivo para outros” (HUTCHEON, 2000, p. 83). A carga afetiva máxima é atingida na função agregadora, em que a ironia funciona em um local onde grupos fechados excluem aqueles que não pegam a ironia ou, no caso deste estudo, são seu alvo.

Utilizaremos, assim como na investigação anterior, a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Essa metodologia é definida como um conjunto de técnicas de análises das

comunicações que tem como objetivo a obtenção de indicadores de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção de mensagens. Para tal, são realizados procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dessas mensagens, levando em consideração seu emissor, contexto e efeitos. O objetivo final dessa metodologia é o que os conteúdos podem revelar após sua descrição e análise.

1.1 O PASQUIM

O Pasquim foi um jornal alternativo brasileiro, veiculado de 1969 a 1991, conhecido principalmente por seu posicionamento explicitamente contrário à ditadura militar e por sua linguagem coloquial, com um texto muito semelhante à expressão oral. Além disso, tornou-se extremamente popular por seus cartoons e charges, que carregavam muito do tom informal e irônico do semanário.

O jornal começou de maneira despreziosa, sem uma redação convencional, com seus jornalistas reunindo-se em mesas de bares da zona sul do Rio de Janeiro. Um tablóide que começou como uma brincadeira entre amigos, porém, alcançou tiragens de mais de 200 mil exemplares. O Pasquim logo tornou-se um dos nomes mais expressivos da imprensa alternativa e, com isso, um dos principais alvos da censura do período.

Segundo Kucinski (2003, p. 214), *o Pasquim* converteu-se em um estilo de vida. A comunicação direta com os leitores, feita principalmente através da seção de cartas, e sua linguagem irreverente atraíram o público, criando uma rede de leitores fiéis.

O PASQUIM propagou, a partir daquela compacta zona intelectual-boêmia do Rio, uma contracultura, alternativa tanto à cultura da ordem estabelecida como à cultura oficial de esquerda. Uma contracultura sintetizada no conceito do “anticaretismo, do repúdio ao conformismo, a tudo o que fosse conservador, repressor e inautêntico”, no sentido, segundo Luís Carlos Maciel, da “existência inautêntica” definida por Sartre (KUCINSCKI, 2003, p. 209)

O jornal, entretanto, não conseguiu se despir totalmente do conservadorismo da época. Kucinski aponta que, paradoxalmente, *O Pasquim* era machista e tratava, frequentemente, o feminismo e a homossexualidade como objetos de chacota.

A segunda onda do feminismo emergia nos Estados Unidos na década de 1960, ampliando debates e levantando questões como o mercado de trabalho, direitos reprodutivos e a sexualidade feminina. O Brasil, entretanto, vivia um período ditatorial, o que dificultava

significativamente a implantação dessas demandas, como explica Rachel Soihet (2007):

No Brasil, o reflorescimento feminista ocorreu numa realidade diversa, em pleno governo militar que ascendera ao poder com o golpe de 1964, o que concorreu para que assumisse características peculiares. De um lado, enfrentou a oposição do governo, que via com desconfiança qualquer forma de organização da sociedade, de outro, a oposição de grupos de esquerda, que consideravam que a luta deveria se polarizar contra o governo autoritário e a desigualdade de classes aqui vigente. (SOIHET, 2007, p. 42)

Nesse cenário, o Pasquim se mostrava libertário em alguns aspectos, sendo uma das frentes da imprensa alternativa contra a ditadura, e conservador em outros, “fazendo do feminismo e do homossexualismo objetos de chacota e provocação, outra influência da revista *Playboy*, que considerava homossexualismo uma aberração” (KUCISCKI, 2003, p. 215). Nesse sentido, a lesbianidade era atacada por discursos carregados tanto de misoginia quanto de homofobia.

2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Capa 1



Fonte: O Pasquim (1975)

Na Edição 314 (1975), a capa é toda em preto e branco, possuindo duas chamadas de destaque e a figura de duas pessoas – um homem e uma mulher – e uma boneca, segurada pelo homem. Por ocuparem quase todo o espaço da folha, os dois indivíduos e a boneca são os elementos que mais chamam atenção em um primeiro olhar. Logo, percebe-se, também, que os dois estão com seus “papéis de gênero” invertidos e que eles representam uma família.

A mulher usa um terno, um chapéu masculino e fuma um charuto. Há uma indicação para sua figura apontando que ela é a mãe da boneca. Outra indicação, dessa vez para o seu sapato, enuncia o termo “sapatão”. Este é um termo pejorativo e frequentemente usado pelo *Pasquim* para se referir à mulheres lésbicas.

O homem, por sua vez, usa um vestido, sapatos e acessórios vistos socialmente como femininos, além de carregar a boneca. Há, também, duas indicações para sua figura. A primeira aponta que ele é um “pai de família”. A segunda, direcionada para suas pernas,

que estão fechadas em uma posição socialmente remetida às mulheres, diz “pudor masculino”.

Já a boneca, nos braços do homem, parece representar a filha do casal. Também há, direcionada a ela, uma indicação, que enuncia: “boneca (que futuro, meu deus!)”.

Uma das chamadas da capa, a principal, diz respeito a um congresso feminista no México e parece ter alguma ligação com as figuras já descritas, uma vez que o Pasquim frequentemente relacionava o feminismo com a lesbianidade. Logo abaixo da primeira, a segunda chamada anuncia “mais: QUATRO PÁGINAS DE CENSURA”, em que a palavra censura está rasurada com um X.

Além disso, nota-se, logo abaixo do nome do jornal e à direita da data e do preço, uma espécie de slogan irônico: “PASQUIM – Um jornal ao lado da mulher. E, se for o caso, sobre e sob.”

O texto da página 14 não aborda, realmente, o Congresso Feminista. Esse congresso, por sua vez, foi um marco na história do feminismo no mundo inteiro. O ano de 1975, Ano Internacional da Mulher, foi o momento da realização da Primeira Conferência Mundial da Mulher. Seu tema central era o avanço social da mulher e a eliminação da discriminação. O conteúdo apresentado pelo Pasquim sobre o assunto são, em sua maioria, cartoons, todos zombando do evento. Além disso, dois textos curtos são apresentados, ambos do jornalista Flávio Moreira da Costa. No primeiro texto, o autor assina seu nome. No segundo, porém, escreve sob o pseudônimo de Fani Baratz Moreira da Costa.

O primeiro texto, “Como e porque não sou feminista”, contém, basicamente, alguns relatos do autor, explicando sobre as vezes em que ele fora “rejeitado” em eventos e entrevistas por feministas. No segundo, “Porque não sou machista e/ou sou feminista”, assinado sob um pseudônimo femininino, ele responde seu primeiro texto, justificando as “rejeições”. Nenhum dos textos parecem realmente ofensivos, principalmente se comparados ao conteúdo visual das páginas 14 e 15. Estes consistem em diversos cartoons que transitam entre a representação hipersexualizada das mulheres e a representação das feministas como lésbicas, algo muito presente no senso comum. Além disso, há a representação de homens pró-feminismo como homossexuais.

Retornando à análise da capa, é notável que o jornal não busque esconder sua desaprovação ao feminismo. Em relação ao conteúdo imagético, em específico à família representada, podemos ressaltar alguns pontos importantes. Os papéis de gênero

invertidos parecem ser uma indicação, por parte do jornal, de que as feministas seriam capazes de mudar completamente a “ordem natural” da família – sendo esta a concepção heterossexual de família. A ideia de destruição da família idealizada fica evidente com a figura da boneca e a frase a ela direcionada: “Boneca (Que futuro, meu deus!)”.

O feminismo, segundo indicado pelo jornal ao atribuir à mulher o termo “sapatão”, seria composto apenas de mulheres lésbicas. Logo, a lesbianidade seria a ruína da família tradicional.

Adrienne Rich (2012, p. 26), em seu estudo sobre heterossexualidade compulsória, aponta que a lesbianidade é comumente apagada, salvo nos momentos em que mulheres lésbicas são representadas como exóticas ou perversas. A “perversidade” fica evidente quando é atribuído a estas mulheres a destruição da família e do futuro. Também fica evidente quando analisamos a representação do homem, claramente em posição de submissão. Nesse sentido, os jornalistas parecem dizer que o feminismo – e a lesbianidade – busca dominar os homens, ganhar poder sobre estes. A este respeito, em artigo sobre o Pasquim, Soihet aponta que:

Depreende-se dessa conduta o temor da perda do predomínio masculino nas relações de poder entre os gêneros, no que evidenciavam forte conservadorismo, contrastante com a atitude vista como libertária de alguns desses indivíduos em outras situações. (SOIHET, 2007, p. 42)

É evidente que as construções de gênero são exercícios de um poder que busca enquadrar as mulheres em uma cultura heterossexista. Por meio de narrativas e ideologias é criado o exemplo da “boa mulher”, o padrão para o que seria “ser mulher”. A lésbica, entretanto, foge dessa norma. Desse modo, a lésbica não poderia ser enquadrada em nenhuma categoria, sendo, como um “Outro”, um sujeito desviante.

Judith Butler (2018, p. 25-26) explica que em nossa sociedade estamos diante de uma ordem compulsória que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo que são obrigatoriamente heterossexuais. O papel do gênero seria produzir uma falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes. Para que essa estrutura funcione e certas identidades possam existir, é preciso que outras sejam excluídas, explica Butler (2018, p. 39). Esse sujeito excluído e desviante, por sua vez, é aquele que Bergson (1983, p. 43) apontaria como passível do riso por parte da sociedade. O riso é a correção social que busca reprimir aquilo compreendido pela maioria como um desvio.

O jornal frequentemente levantava críticas ao feminismo, munindo-se sempre do mesmo tom irônico utilizado contra a ditadura para atacar as feministas. Em relação a isso Soihet aponta que:

O Pasquim, o qual, ao mesmo tempo que se opunha ao regime por meio da ridicularização, voltava sua mordacidade igualmente para as mulheres que haviam se decidido pela luta por seus direitos, ou àquelas que assumiam atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. (SOIHET, 2007, p. 42)

Podemos, então, partir para a análise da segunda chamada presente na página: “mais: QUATRO PÁGINAS DE CENSURA”. O Pasquim foi um dos alternativos mais afetados pela censura do período ditatorial por sua posição explicitamente contrária ao regime. Em resposta, os jornalistas comumente utilizam do discurso irônico para driblar os censores.

Esses componentes contrastantes na mesma folha - os elementos anti-feminismo e lesbofóbicos e uma frase contra o regime vigente na época - parecem o exemplo perfeito da política transideológica da ironia. Em relação a essa política, Linda Hutcheon (2000) aponta que:

...a ironia pode ser provocativa quando sua política é conservadora e autoritária tão facilmente quanto quando sua política é de oposição e subversiva: depende de quem a está usando/atribuindo e às custas de quem se acredita que ela está funcionando. Tal é a natureza transideológica da ironia. (HUTCHEON, 2000, p. 34)

Todavia, quando atenta-se o olhar para a capa e para o posicionamento da palavra “censura”, logo ao lado da figura do homem, podemos pensar também que os jornalistas indicam, na realidade, que o feminismo buscava censurar o homem. Isso fica ainda mais evidente no primeiro texto da página 14, de Flávio Moreira da Costa, em que ele conta das vezes que fora “rejeitado” por feministas. “Certamente não sou uma feminista, mas pode ser que eu seja - se me deixarem - um feminista. Digo ‘se me deixarem’ porque já tive alguns episódios de rejeição” (COSTA, 1975). Esse elemento pode, ou não, ser captado por quem tem contato com a capa do jornal.

Os principais participantes da ironia são ironista e interpretador. O interpretador pode ser, ou não, o destinatário visado pelo ironista, mas é ele que atribui a ironia e então a interpreta. Não há garantias de que o interpretador vá “pegar” a ironia da mesma maneira que se espera. Na verdade, o verbo “fazer” parece mais apropriado. (HUTCHEON, 2000, p. 28)

O que nos parece mais importante, nesse caso, é a maneira como o jornal explora a palavra, de forma que ela pode significar duas coisas diferentes e, com isso, atingir dois alvos totalmente opostos - os apoiadores da ditadura e as feministas (e lésbicas).

Capa 2



Fonte: O Pasquim (1980)

Já na Edição 554 (1980), a capa é predominantemente em preto e branco, sendo seu único elemento colorido a palavra “LÉSBICAS”, escrita em caixa alta, na cor vermelha e em posição destaque. Por essa razão, consideramos ser este o elemento que mais chama atenção em um primeiro olhar.

Outro elemento rapidamente perceptível é o desenho de dois homens que ocupa toda a extensão da página. Ambos utilizam roupas socialmente vistas como femininas. Ao lado direito dos homens há a chamada “Pasquim dá o serviço completo!”. Em relação a essa frase, um dos homens, por meio de um balão como indicação de fala, diz: “barba, cabelo e bigode!”. Essa frase é um jargão popular que significa “realizar completamente um serviço”.

Outro elemento interessante, abaixo do nome do jornal e do lado direito da data e do preço, como era comum nas edições do jornal, é uma frase, atribuída a um certo Dr. Zulu: “Há dois tipos de lésbicas: homem e mulher”.

A parte inferior da folha possui outras duas chamadas, não vinculadas, porém, ao restante de seu conteúdo.

Os cartoons e anedotas da edição 554 foram descritos e analisados no artigo anterior e são de grande importância para a compreensão de alguns elementos da capa. A página 10, indicada logo abaixo da chamada principal, é composta por uma reportagem sobre a lesbianidade que ocupa mais duas páginas. Apesar de prometer fugir do sensacionalismo apresentando diferentes opiniões sobre o tema, em nenhum momento essa parece ser a intenção dos jornalistas.

Ao analisarmos o conteúdo textual e imagético da reportagem e pensando na maneira como a heterossexualidade compulsória (RICH, 2012, p. 21,26) enxerga as mulheres lésbicas, chegamos à conclusão de que o jornal buscou apresentá-las como exóticas e perversas. Além disso, podemos inferir que a maneira como a lesbianidade foi abordada, majoritariamente de forma pejorativa, foi mais uma tentativa de apagamento lésbico. Em relação a isso, Rich explica que:

...a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres. (RICH, 2012, p. 36)

Os homens vestidos com roupas femininas, bem como a ideia de que o Pasquim, com um corpo editorial composto integralmente por homens, “faz o serviço completo”, possui uma conotação falocêntrica, em que o homem cisgênero heterossexual seria superior à mulher lésbica por ter um pênis.

A palavra “lésbicas”, destacada do resto da capa como único elemento colorido e a proposição de um “estudo” ou “análise” sobre mulheres lésbicas indica a forma como o jornal trata essas mulheres como um grupo a ser analisado, excluindo suas particularidades e individualidades. Bergson (1983, p. 73) explica que: “A individualidade das coisas e dos seres nos escapa sempre que não nos é materialmente útil percebê-la [...] não vemos as coisas em si; limitamo-nos o mais das vezes a ler rótulos colados nelas.” Para o autor, ao penetrar-se muito fundo nas personalidades e individualidades, sacrifica-se o efeito risível.

A frase creditada ao Dr. Zulu: “Há dois tipos de lésbicas: homem e mulher” parece indicar que o Pasquim se escorava na crença de que algumas mulheres lésbicas, as que performam feminilidade, continuavam sendo mulheres enquanto outras, que não procuravam performar feminilidade, estariam buscando ser homens. Em seus estudos, Wittig (1992) afirma que a lésbica não é uma mulher, uma vez que rompe com toda a estrutura e narrativa criada pelo homem do que é ser uma mulher. Entretanto, a recusa às atribuições do que representa ser uma mulher não significa ser um homem, explica a autora:

...para uma mulher, querer ser um homem significa que escapou a sua programação inicial. Mas, ainda se ela, com todas suas forças, se esforça por consegui-lo, não pode ser um homem, porque isso lhe exigiria ter, não apenas uma aparência externa de homem, mas também uma consciência de homem, a consciência de alguém que dispõe, por direito, de dois—se não for mais—escravos “naturais” durante seu tempo de vida. Isso é impossível, e uma característica da opressão das lésbicas consiste, precisamente, em colocar à mulheres por fora de nosso alcance, já que as mulheres pertencem aos homens. (WITTIG (1992))

Compreende-se, aqui, que o jornal utiliza da função atacante da ironia para humilhar as mulheres lésbicas. Hutcheon explica que, nessa função, a carga negativa “chega ao máximo quando uma invectiva corrosiva e um ataque destrutivo tornam-se as finalidades inferidas - e sentidas - da ironia” (HUTCHEON, 2000, p. 83)

A função agregadora, em ambas as capas, também é empregada. Esta é uma consequência das comunidades discursivas⁴, sendo capaz de unir grupos amigáveis ou excluir certos participantes, como mostra Hutcheon: “Num sentido negativo, diz-se que a ironia joga para grupos fechados que podem ser elitistas e excludentes” (HUTCHEON, 2000, p. 86). Acredita-se, então, que o jornal e seus leitores, que concordavam com o conteúdo veiculado, faziam parte de uma mesma comunidade discursiva que excluía as mulheres lésbicas.

3 CONCLUSÃO

As capas são o primeiro contato do leitor com o jornal, não sendo possível afirmar que esse indivíduo irá continuar a leitura. O conteúdo visto, entretanto, já fora apreendido.

⁴ Agrupamentos sociais dos quais todo indivíduo faz parte, como raça, gênero, religião, orientação sexual, entre outros, essenciais para que a ironia possa acontecer.

Podemos afirmar, aqui, que, se em seus cartoons, tirinhas e anedotas, o jornal falava principalmente para seu público, pertencentes a comunidades discursivas semelhantes, na capa, o periódico atingia uma gama variada de pessoas. Sendo assim, o alvo da ironia torna-se ainda mais presente no jogo do ironista e dos interpretadores. Dois pontos podem ser destacados: 1) o jornal não se mostra realmente preocupado com esses alvos, utilizando elementos apelativos e ofensivos em seu discurso; 2) o público leitor aceita esses elementos apelativos, interpretando-os como cômicos. Com isso, ficam evidentes as funções atacante e agregadora da ironia.

Retomando a hipótese de que o jornal utilizava da mesma estratégia para posicionar-se contra as opressões da época e, ao mesmo tempo zombar de grupos já oprimidos, é notável que a política transideológica da ironia se faz muito presente.

As capas apresentam elementos semelhantes, principalmente no que tange ao tratamento das mulheres lésbicas. Em ambas fica claro que os jornalistas zombam delas, utilizando-se de inversões nos papéis de gênero. Entretanto, as edições têm assuntos diferentes como tema: feminismo e lesbianidade, respectivamente. Isso revela a visão dos jornalistas de que todas as feministas são lésbicas.

No primeiro artigo concluímos, também, que a visão e o culto da figura do “macho” manifestava-se em diversos momentos. De modo semelhante, quando o feminismo e a lesbianidade são vistos como análogos, neste caso, percebemos o ataque do jornal a tudo que ia contra a hegemonia masculina sobre as mulheres.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Flávio Moreira. **COMO E PORQUE SOU E NÃO SOU FEMINISTA**. O Pasquim. Ed 314, 4 de setembro, 1975.

GREEN, James Naylor. **A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina**. Cad. AEL, v. 10, n. 18/19, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Edusp, 2003.

O Pasquim. Rio de Janeiro, Ed 314, 4 de setembro, 1975. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/10453>

O Pasquim. Rio de Janeiro, Ed 554, 8 de fevereiro, 1980. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/124745/20645>

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SOIHET, Rachel. **Preconceitos nas charges de O Pasquim: mulheres e a luta pelo controle do corpo**. ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte; Vol 9, No 14. 2007

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and other Essays**, Boston: Beacon, 1992